



MINISTÉRIO A EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ROLIM DE MOURA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO DO
CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO



EDUCAÇÃO E PROTAGONISMO DAS MULHERES NA LUTA PELA TERRA DO
ASSENTAMENTO PADRE EZEQUIEL¹

Aureni de Almeida Miranda²

Catiane Cinelli³

RESUMO

O presente trabalho reflete acerca das experiências vividas no processo educativo das mulheres na luta pela terra do Assentamento Padre Ezequiel. Tem como problema de pesquisa “De que modo as trajetórias de luta pela terra são expressas nos processos de educação do Assentamento Padre Ezequiel?”. O objetivo geral é “analisar o protagonismo das mulheres para a constituição do Assentamento Padre Ezequiel”. Os objetivos específicos são: identificar quais os processos formativos realizados na história de organização do assentamento; descrever os fatores sociais que contribuíram na luta das mulheres; e, compreender os limites no processo de lutas na caminhada das mulheres. A metodologia utilizada é a pesquisa participante, por meio das técnicas de observação participante nos encontros de mulheres do movimento, entrevistas semiestruturada com oito (8) mulheres através de visitas nas suas casas, com diálogo que busca as informações e os objetivos sobre o tema. Aponta que é possível que com a luta a vida das mulheres melhoraram, tanto em conhecimento quanto na autonomia. Percebe-se que é uma comunidade pedagógica que ensina as práticas educativas, transforma o convívio privado de doméstica em outras atividades que as tornam mais potentes nos conhecimentos sociais. Considera-se que há o que melhorar para vencer o medo e avançar com as relações de gênero igualitárias.

Palavras chave: Educação. Lutas. Mulheres.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: aurenitc@yahoo.com.br

³ Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: catiane@unir.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Humanas e Sociais, pretende contribuir na compreensão das relações sociais para a sociedade e, também, para as instituições acadêmicas com o tema sobre as experiências de um processo de formação das mulheres na luta pela terra do Assentamento Padre Ezequiel. Traz como problema: de que modo as trajetórias de luta pela terra são expressas nos processos de educação do Assentamento Padre Ezequiel? O objetivo geral da pesquisa se dá em “analisar o protagonismo das mulheres para a constituição do Assentamento Padre Ezequiel”. Tendo como objetivos específicos: identificar quais os processos formativos realizados na história de organização do assentamento; descrever os fatores sociais que contribuíram na luta das mulheres; e, compreender os limites no processo de lutas na caminhada das mulheres.

A questão relevante do trabalho se dá por desenvolver pesquisas juntamente com as mulheres, partiu de uma vontade própria em explorar mais conhecimentos e utilizar como ferramenta epistemológica, para contribuir no processo de luta dos movimentos sociais do campo e também no processo de conhecimento acadêmico, sendo este um tema necessário no âmbito da compreensão institucional para que as mulheres camponesas se sintam parte do processo de formação. Identificamo-nos e consideramos importante esse trabalho, por contribuir com a nossa formação como educadora do campo, ao conhecer os níveis de formação política das mulheres do Assentamento Padre Ezequiel que lutam pela terra e pelos direitos como sujeitas do campo, trabalhadoras que plantam e colhem sementes para o futuro das gerações que estão para nascer.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) “coloca como princípio fundamental contribuir criando condições objetivas de participação igualitária da mulher na sociedade garantindo-lhes direitos iguais” (MORISSAWA, 2001, p. 211). A participação feminina, ocupando os espaços nas instâncias da organização ganha êxito nas conquistas, mas compreendendo certas limitações do processo de transformação social nos propusemos aprofundarmos esse debate que contribui com a luta de classe na superação desses limites. Pensamos que a presente pesquisa traz a sistematização da luta das mulheres para o assentamento como ferramenta pedagógica para as discussões e com isso melhorar o processo de luta delas pela terra e por dias melhores.

A metodologia usada para o trabalho foi por meio de pesquisa participante. “A pesquisa participante e a educação popular partem do princípio de que assim como não existe

vazio de poder, também não existe um vazio de saberes e de cultura” (BRANDÃO; STRECHK, 2006, p. 168). É um instrumento pedagógico de aprendizado que durante o diálogo são partilhados os conhecimentos e saberes coletivos. É uma abordagem participativa que dialoga com os saberes sociais capazes de transformarem a realidade.

Como técnica utilizamos a entrevista semiestruturada com oito (8) mulheres, por meio de visitas a suas casas, que possibilitou a coleta de dados sobre a luta das mulheres pela conquista da terra, utilizamos um gravador como recurso. Para o andamento do trabalho em campo foram realizadas observações participantes em reuniões e seminários com as mulheres, analisando todos os aspectos dos debates, nos encontros com elas, que foram registrados no diário de campo. Antes de todas as entrevistas apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicando o tema do Trabalho de Conclusão de Curso e a importância de um nome fictício para as pesquisadas. O nome de cada uma foi escolhido de acordo com o diálogo, como forma de garantia do anonimato decidimos por não colocar as fotos no trabalho.

Pesquisamos autores e autoras que discorrem sobre mulheres em assentamentos para o desenvolvimento do trabalho, foi realizado um levantamento sobre o patriarcado, que segue na primeira seção, com as considerações da autora Muraro (1995) que discorre teoricamente sobre o que é o patriarcado na vida das mulheres.

A segunda seção faz um relato sobre a resistência e formação política das mulheres na luta pela Terra. Resgata alguns elementos sobre o acontecido em oito (8) de março que é um marco histórico na luta pela liberdade das mulheres. Também traz a massificação e participação das mulheres nos movimentos sociais, reforçando a luta por direitos. Para melhor compreender esse contexto utilizamos Saffioti (2013) que resgata a resistência e formação das mulheres em lutas.

O texto segue com o relato da luta do MST, para entender a origem da luta pela Terra do Assentamento Padre Ezequiel. Para isso utilizamos Morissawa (2001) que contribui com esse histórico e em seguida, a luta pela Terra em Rondônia e a participação das mulheres. Seguindo a escrita, o relato sobre a formação política das mulheres no Assentamento Padre Ezequiel e a organização do MST enquanto movimento. Caldart (2004) contribui com essa afirmação em suas escritas sobre a organização do MST e inserção das mulheres na luta.

A terceira seção traz relatos sobre o protagonismo das mulheres, o que mudou e trouxe de formação política em suas vidas. O processo de formação e educação dos Sem Terra para Caldart (2004) busca pela inserção na retomada das ocupações e distribuições de terras, as experiências que nos humaniza enquanto seres humanos com capacidade de fazer as

transformações sociais.

1.1 O Patriarcado e a Busca Pela Superação na Vida das Mulheres

Ao longo da história vivenciamos momentos que nos trazem conhecimentos e avaliações de como podemos viver em coletivos, em sociedade. Enquanto seres humanos, nascemos macho, fêmea ou intersexo, no decorrer da história nos evoluímos tornando capazes de redescobrir a história. Muraro (1995) explica que os seres humanos têm aproximadamente dois milhões de anos. Os primitivos viviam de caça, pesca e coleta de frutas, até que então vão fazendo novas descobertas. A mesma autora afirma “no que se refere aos coletor-caçadores em primeiro lugar a divisão de alimentos entre o grupo é altamente cooperativa. Sem esta cooperação, tais sociedades não poderiam sequer sobreviver” (MURARO, 1995, p. 40). Percebe-se que as sociedades tribais eram cooperadoras umas com as outras, a vida era totalmente natural, a união era fundamental em suas vidas.

As mulheres tinham a tarefa de coletar frutos, raízes, confeccionar cestos além de cuidar da casa e das crianças. Por isso a sua jornada de trabalho era bem superior à dos homens, com isso há divisão sexual do trabalho. “Esta divisão pode ter sido originada no fato de pôr ficarem grávidas e se acostumarem a alimentar e proteger os filhos, as mulheres tivessem tendência a alimentar e cuidar do grupo todo, enquanto os homens caçavam e pescavam para si mesmos” (MURARO, 1995, p. 29). Essa divisão do trabalho nasce então por uma necessidade, a mulher era quem ficava sempre mais próxima aos filhos, mas a vida entre os povos tribais era harmoniosa, viviam em uma sociedade que uns cooperavam com os outros, cuidavam de tudo e de todos, protegiam-se de animais ferozes.

Com a invenção da agricultura as sociedades tribais passam a ter moradas fixas. E com o início da sociedade escravista, a mulher fica muito mais reduzida, seu mundo é praticamente a casa, um domínio privado das demais atividades exercidas na coleta dos frutos etc. De acordo com Muraro (2002) é no escravismo que surge o Patriarcado e se desenvolve nas sociedades feudalista e capitalista. A mulher no mundo de inferioridade é tratada como se não fosse humana, ela é frágil, incapaz e pecadora.

Às mulheres, têm sido legados, possuem um cérebro mais pequeno e isto deveria constituir razão suficiente para se duvidar das suas capacidades e confiná-las ao meio doméstico fechando sobre elas todas e quaisquer saídas para o domínio público. (MILL, 2006, p. 15).

De acordo com o autor o que se alegavam por não dar o direito às mulheres de exercer as atividades, pois mesmo sem tempo ou enfrentando as dificuldades elas demonstravam que

eram capazes de assumir e desempenhar com muito mais habilidades e resultados sempre positivos. É importante ressaltar que as mulheres sempre resistiram e não aceitaram o lugar “de menos” passivamente, elas ecoaram suas vozes afirmando que têm capacidades e compromisso. “A Mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem ser fundamentadas no interesse comum” (GOUGES 2007). Os direitos devem ser de igualdade para todos no meio social em que vivemos.

Desde os tempos escravistas, segundo Saffioti (2013), nasce também uma disputa de poder, por uma concentração política econômica e ideológica. Por isso o patriarcado, começa então ser enraizado nas famílias, assim completa a Flor de Lírio:

Eu comecei a trabalhar com seis anos de idade, minha mãe também sempre trabalhava na roça, né, e a gente tinha educação, uma que o homem sempre falava mais do que a mulher. Naquele tempo não era de direito a mulher estudar, eram só os homens. (informação verbal)⁴.

De acordo com Muraro (1995), uma estrutura familiar em que funcionava sendo comandada pelo chefe que era o pai, essa qualificação tem um objetivo que para a sociedade o ponto de partida é a obediência da mulher com o pai, o chefe da família. Essa estrutura familiar na qual vivemos é fruto do sistema opressor escravista que tem como objetivo as desigualdades sociais. O contrato familiar visto por uma sociedade patriarcal é um dos fatores que levam as mulheres a uma submissão aos homens. “Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou propriedade econômica” (SAFFIOTI, 2013, p. 63). A autora explica que o contrato social instaura as desigualdades sociais, pois a mulher para ser vista na sociedade ou ocupar cargos tem que ser casada, a mulher não somente passa a obedecer ao marido como também ao estado, pois é uma estrutura de poder. Na divisão sexual do trabalho que organiza os trabalhos por sexos, não dá permissão a mulher exercer tal atividade, também a divisão social do trabalho que divide por classe, sendo assim se a mulher não tiver uma estabilidade que garanta a sua estrutura econômica, não permite a sua inclusão social no trabalho.

Saffioti (2015) aborda que “do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o estado” (SAFFIOTI, 2015, p. 57). Percebemos que essa estrutura patriarcal nascida no berço familiar tem prejudicado a vida das mulheres, negando o direito de liberdade e felicidade, submetendo-as a uma política de obediência e não de convivência, “nas quais a obediência da mulher pelo marido era uma norma ditada pela tradição” (SAFFIOTI, 2013, p. 63). O patriarcado começa em um processo

⁴ Informação fornecida por Flor de Lírio em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 15 de fevereiro de 2019.

lento a tal ponto de compreensão que a submissão sobre as mulheres é natural, uma obrigação de a mulher trabalhar e obedecer.

O patriarcado quer fazer da dominação masculina um fato “natural” e biológico. E o patriarcado é de tal modo hoje uma realidade bem sucedida que muitos não conseguem pensar na organização da vida humana de maneira diferente da patriarcal, em que o macho domina de direito e de fato. (MURARO, 1995, p. 61).

Essa subordinação da mulher é a garantia da exploração de classe, com a divisão social do trabalho a mulher sofre uma dupla exploração, no trabalho e na sociedade. E ao longo dos anos reproduzem uma hierarquia predominada pela violação dos direitos da mulher, não constrói suas decisões próprias por serem violadas. Portanto, Muraro (1995) explica melhor esse contexto de patriarcado, “não é o status desiguais e o controle sobre as mulheres que importam, mas sim os conceitos que estão à base deste controle e da supremacia masculina” (MURARO, 1995, p. 65). No patriarcado os laços afetivos que na maioria existem entre homens e mulheres não são laços que assegura uma relação, uma convivência sadia, pois na verdade está se reproduzindo uma relação de poder.

Em uma sociedade capitalista, patriarcal e machista, “à medida que o homem vai controlando a natureza, seu poder sobre a mulher vai também, na mesma proporção, aumentando e se cerrando” (MURARO, 1995, p 71). Quando se aborda da questão da mulher e o trabalho produtivo no modelo capitalista, a mulher é tratada como um objeto para produzir mercadoria desconsiderando toda a sua capacidade da reprodução humana e um ser capaz de amar e de se valorizar como pessoa. Nesse contexto a mulher é obrigada a renunciar os seus direitos e desejos afetivos para viver em prol do trabalho na produção de mercadorias. Essa realidade, Alexandra Kolontai (2000) chamou de Celibato da mulher, ou seja, Mulher celibatária.

A mulher moderna, a mulher que predominamos celibatária, é filha do sistema econômico do grande capitalismo. A mulher celibatária, não como tipo ocidental, mas uma realidade cotidiana, uma realidade da massa, um fato que se repete de forma determinada, nasceu com o ruído das fábricas. A imensa transformação que sofreram as condições de produção no transcurso dos últimos anos inclusive depois da influência das constantes vitórias da produção do grande capitalismo, obrigou também a mulher a adaptar-se às novas condições criadas pela realidade que a envolve. (KOLONTAI, 2000, p. 15).

A mulher sofre pelo menos dois tipos de opressão na sociedade em que vivemos sendo que um podemos nos referir à de classe, quando a mulher é desvalorizada e privada dos seus direitos pelo modelo capitalista. Tendo como base as autoras estudadas, este modelo é exercido pela classe dominante sobre a classe trabalhadora. A outra forma de opressão sofrida pelas mulheres atualmente, é a de gênero.

Vivemos numa sociedade violenta e excludente, em que a mulher não é reconhecida

como um ser social, fica embutida nos conflitos como não produtora da sua própria história. Em verdade disso o capitalismo deixa claro que a mulher não tem direito à educação. Não é em todas as áreas acadêmicas que a mulher é vista como um ser intelectual, um ser com capacidade de pensar e produzir conhecimentos em prol de outras pessoas. Para isso Gonzáles deixa claro “que a estratégia para acabar com essa situação, era exigir que as mulheres obtivessem a mesma equiparação política com os homens” (GONZALES, 2010, p. 52).

Diante de toda história foram construindo lutas de enfrentamento por direitos, igualdade e emancipação feminina, construindo resistência a um movimento feminista político, foram tantas as guerreiras nas lutas socialistas por direitos iguais de mulheres e homens. Dentre elas destacam-se “Rosa Luxemburgo, Alexandra Kolontai e Clara Zetkin” (CALDART; VILAS BOAS, 2017, p. 203), que contribuem na luta das mulheres de hoje.

É com a participação na luta que as mulheres vão se descobrindo e criando formas de resistência para sair do mundo patriarcal, articulando melhores condições de vida. Acreditando mais no seu potencial como construtora de sua própria história. Somente ajudando a construir que nasce a vontade de lutar.

De acordo com a pesquisa de campo, Flor de Jambo deixa seu depoimento:

Nos movimentos sociais a gente aprende a conhecer os direitos da gente e lutar por eles e às vezes até ensinar os companheiros da gente, que às vezes vive alienado ao sistema que não conhece nem o próprio direito né?! É a partir que gente conhece os direitos da gente é que a gente vai à luta, a gente consegue transformar a vida da gente e de outros companheiros. Eu acho que contribuiu bem porque nós conseguimos trazer o salário maternidade, o auxílio doença aqui na comunidade, ao idoso que tem agente de saúde que trabalha bem com eles, aos hipertensos. Então isso era um conhecimento que na época a gente não conhecia nada disso. (informação verbal)⁵.

Conforme o que Flor de Jambo relata, após vir para a luta no acampamento, começou então a conhecer o seu próprio direito. A partir daí, houve uma transformação, mudança de vida das famílias, porque não tinha esse conhecimento antes de vir para a luta. Começa a entender que nada conquistamos de graça, tudo é através da luta coletiva. E assim, nesse movimento de idas e vindas na luta por melhores condições de vida, é possível que a mulher vá percebendo que a exploração e exclusão que pesa sobre os seus ombros vêm desse modelo de sociedade patriarcal e ela começa a se libertar das amarras domésticas.

Ao longo desta história as mulheres foram construindo formas de resistências e enfrentamento ao patriarcado, e especialmente as mulheres trabalhadoras foram articulando essa luta de gênero, com o conteúdo de questionamento ao modelo de exploração da sociedade e todas as suas expressões de dominação. (CALDART; VILAS BOAS, 2017, p. 201).

A formação nasce desde quando nos relacionamos com outros seres, portanto para

⁵ Informação ministrada por Flor de Jambo em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 10 de fevereiro de 2019.

enriquecer os conhecimentos precisa-se de desdobramento de uma trajetória de luta. Foi no processo de luta que o MST foi percebendo que sem a participação da mulher era impossível a organização avançar para atingir os seus objetivos, essa percepção colocou o MST diante de vários desafios a serem resolvidos para que as mulheres tivessem as condições básicas de participação na luta, e uma delas era a conquista das escolas nos acampamentos, assim se resolvia a separação do casal que o homem ia fazer a luta pela terra e a mulher ficava lá na sua comunidade de origem para garantir a permanência dos filhos na escola.

Outro problema a ser superado, era que as mulheres precisam participar das instâncias organizativas nos acampamentos, necessário ter um homem e uma mulher na coordenação do Núcleo de Base dentro do acampamento. “Quando eu cheguei no acampamento logo na primeira reunião eu era coordenadora do grupo, depois entrei na coordenação do acampamento e depois na direção, na segurança, as mulheres assumia a recepção do acampamento” (informação verbal)⁶. Essa forma de organização possibilitava tanto a inserção da mulher na luta, quanto uma forma de que a família teria em aprender como se organizar.

O texto segue abordando as lutas das mulheres e resistência por liberdade e formação política, como forma de superação do sistema patriarcal.

1.2 A Resistência e Formação Política das Mulheres na Luta

Basta um olhar para a realidade, que entendemos a organização das mulheres pela liberdade e pela emancipação, vítimas de opressão e de submissão. A resistência por liberdade nem sempre foi vista como luta, no entanto o processo dado a cada fase da história há organização pela sua própria defesa, a exemplo disso “a luta das mulheres indígenas que na América Latina como um todo lutaram contra os colonizadores” (ALMEIDA; CALAÇA; CAJU, 2018, p. 70).

Conforme os estudos, a organização das mulheres nasce em suas lutas diárias fundamentada em seu próprio cotidiano. Com isso foram se articulando e buscando melhores formas de vida. Gonzalez aborda que, “dar esse passo, entretanto, não foi tarefa fácil. Em primeiro lugar, manifestar a necessidade de escrever a história das mulheres supunha romper com a concepção androcêntrica da história” (GONZÁLEZ, 2010, p. 23). Considera-se que essa trajetória das mulheres foi se descobrindo a cada passo, pois as mulheres sempre fazem parte do processo histórico, são as mulheres que lutam em busca do alimento e são elas que

⁶ Informação proferida por Beija-Flor em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 02 de março de 2019.

produzem e fazem parte da família. Devido a essa desvalorização e não compensação do trabalho, elas próprias vão à busca dos seus direitos e igualdade, essa resistência torna-se para elas um dos pontos principais, pois sabem que podem persistir por muitos anos em busca da liberdade.

Até esse momento o processo histórico havia sido considerado a partir da ótica masculina dentro de um sistema de valores patriarcal e que considerava certos acontecimentos, processos e movimentos como dignos de análises históricas e ignorava um, ou excluía outros. (GONZÁLEZ, 2010, p. 23).

Diante dessa visão masculina, as mulheres não são consideradas e muito menos têm espaço para expor suas ideias, a mesma autora Gonzalez explica que as mulheres que conduziam a luta e construíram suas histórias enfrentaram muitas críticas, ao usarem a palavra mulheres. Por isso, conduziram o trabalho usando a palavra gênero, assim não ficava tão explícito a palavra mulher. Diante disso, Dia Internacional da Mulher, dia de lutas, de ir às ruas lutar por direitos e liberdade das mulheres. O 8 de março, fica como um marco histórico pela coragem de milhares de mulheres em busca de liberdade e direitos, várias delas perderam a vida sendo queimadas dentro da fábrica em que trabalhavam por estarem em greve.

Incêndio de uma fábrica têxtil de Nova York ocorrido nesse dia, no ano de 1908, causado por seu proprietário que, diante da ocupação e declaração de greve de suas empregadas, decidiu pôr fogo na fábrica com elas dentro causando a morte de um grande número delas. (GONZÁLEZ, 2010, p. 22).

Antes de 1908 na luta das mulheres já acontecia o 8 de março, hoje se torna o ponto central para ser pautado como luta universal por dias melhores. A resistência na luta pelas mulheres lideranças nasceu no bojo em que as mulheres começam então a se rebelarem contra o sistema opressor, luta pela vida e pelos direitos que lhes são violados. O que vivemos hoje é o reflexo de tudo o que outras companheiras viveram e lutaram pensando o melhor na vida das mulheres. A luta desde sempre, como vimos por meio dos estudos é alvo do sistema capitalista por não aceitar que mulheres se organizem e criem o seu protagonismo pela força exercida no engajamento político.

A massificação das mulheres nos movimentos sociais é o ponto chave para as reivindicações dos direitos das mulheres, conforme Paludo (2009) por mais que mudassem as estruturas no modo de produção ou o modo do sistema capitalista, as mulheres tinham que se organizar porque o problema maior é a questão de gênero, a opressão do homem sobre a mulher. “A opressão de classe passou a ser discutida simultaneamente a opressão de gênero, porque diz respeito à estrutura patriarcal que perpassa e também sustenta a estrutura capitalista” (PALUDO, 2009, p. 95).

Foram várias conquistas a partir do momento em que as mulheres passam a defender seus direitos, a inquietar as autoridades responsáveis pelas políticas públicas voltadas às

mulheres. Com a participação da mulher na luta garante então as conquistas que lhes são necessárias para serem vistas como cidadãs brasileiras, uma delas o direito ao voto em 1932. Conforme Saffioti (2013), somente na “Constituição de 1934 cujo ante projeto foi elaborado com a colaboração de duas mulheres, consagraria definitivamente em seu artigo 108 o voto feminino.” O direito ao voto foi conquista das próprias mulheres por meio das organizações.

A Dra. Carlota Pereira de Queiroz, primeira mulher no corpo legislativo brasileiro, participou da Assembléia Constituinte, em 1933 como delegada de São Paulo. A Dra. Bertha Lutz foi nomeada pelo chefe de governo provisório para representar o movimento feminista organizado na Comissão Elaboradora do Anteprojeto da Constituição de 1934, auscultada a opinião feminina elaborou Bertha Lutz um trabalho sob a forma de sugestão escrita, única modalidade de colaboração admitida pelo regulamento da comissão, estruturado pela subcomissão organizada.” (SAFFIOTI, 2013, p. 366).

Essas e outras são as lutas de mulheres que incansavelmente buscam formas de se libertarem, se engajarem politicamente, é uma forma de se tornarem autônomas criando outras formas de se estabilizarem enquanto mulheres. Saffioti (2013) aborda essa questão como o despertar da consciência da mulher resistindo ao sistema capitalista que pode até se apoderar de discussões tiradas das próprias mulheres e servir como uma ideologia capitalista, reforçando ainda mais a submissão contra as mulheres. Para isso Bell Hooks deixa seu ponto de vista enquanto mulher feminista.

Costumo criticar o feminismo baseado em estilo de vida determinado, pois temo que qualquer processo de transformação feminista que busque mudar a sociedade seja facilmente cooptado se não estiver radicado no compromisso político com um movimento feminista de massas. (HOOKS, 2013, p. 98).

A autora se relaciona com o processo de formação enquanto movimento feminista, a formação como base de um processo de transformação deve ser bem alicerçada para ter um resultado positivo enquanto classe trabalhadora. Todo efeito, dado partindo de uma organização para o bem da população é bastante delicado para não colocar em risco a vida das próprias companheiras em luta. Sabemos que apesar dos desgastes e acúmulos de tarefas que são de responsabilidades das mulheres, a formação política é a melhor forma que encontramos para nos organizar e defender a nossa classe enquanto mulheres trabalhadoras. Por mais que soframos ataques políticos, mas, não podemos deixar que o sistema com a condição de dominação continua atuando no campo de exploração e violência contra as mulheres.

“Com o avanço das lutas das mulheres por sua emancipação, muitos movimentos feministas foram criados, vinculados a diferentes correntes teóricas e políticas, que vão desde o Feminismo Liberal ao Feminismo Revolucionário” (CALDART; VILAS BOAS, 2017, p. 201). O que os autores abordam é que sempre as mulheres mantêm-se atentas a transformação no que diz respeito de que a mulher precisa de espaço para as suas tomadas de decisões. O

problema não é somente em atender por políticas públicas, mas que se apropriem de ideias que contribuam no avanço da emancipação de todas.

Dizia Freire “a liberdade amadurece no confronto com outras liberdades” (FREIRE, 1997, p. 119). Nesse contexto uma mulher que tem acesso à formação e consciência não aceita ser humilhada ou explorada pelo seu cônjuge. Sem acesso a uma formação, a mulher deixa de ser sujeita da história para atender simplesmente aos trabalhos domésticos, cuidados dos filhos e esposo, como se ela fosse incapaz de participar das tomadas de decisões políticas, no trabalho produtivo e deixa de ser ela mesma a construtora da sua liberdade e do seu próprio destino.

Para ser sujeita da história, é necessário conhecê-la, Paludo (2005) traz algumas reflexões sobre a trajetória brasileira. O Brasil passa por vários momentos de decadência, assim como desde o processo de colonização imposta pelos europeus. Por isso são vários momentos de lutas e resistência pela sobrevivência, pela democracia tanto de homens como de mulheres.

Em 1964 ocorre o golpe militar e se acentua o processo de desnacionalização da economia; há a liquidação do nacional desenvolvimentismo e se perde a possibilidade de uma orientação democrática e incluyente de desenvolvimento. Em 1978 ressurgem as lutas populares, exigindo abertura política e retorno ao estado de legalidade. Esse projeto é simbolizado pela educação dos e através dos movimentos sociais populares. As expressões ‘povo sujeito de sua história e protagonismo popular’ expressam a orientação das práticas da concepção de Educação Popular (PALUDO, 2005, p. 7).

Consideramos o excerto de Paludo relevante na história brasileira, pois com o golpe militar vivenciamos uma educação cada vez mais excludente, por isso a preocupação em avançar nos movimentos sociais de massas. Com início às lutas nos movimentos sociais, incluindo a luta das mulheres, que em 1988 com criação da constituinte, conquistam os direitos previdenciários incluindo o direito da mulher na previdência social. “Essa luta foi travada por camponesas do país inteiro, mas as conquistas constitucionais foram apenas um primeiro passo, pois cada direito conquistado teria que ser regulamentado o que demandava maior necessidade de organização” (ALMEIDA; CALAÇA; CAJU, 2018, p. 72). Em meio a tantos direitos negados nota-se que a mulher não existia para a previdência social até os anos 1980, o homem tinha direito de se aposentar aos sessenta e cinco anos de idade. Somente depois de muita luta das próprias mulheres junto aos órgãos responsáveis é que ela passa a ser cidadã de direitos, tanto que a mulher só tinha direito a aposentadoria se caso perdesse o marido por morte, recebendo a pensão de meio salário mínimo. Flor de Jambo dá sua opinião.

Na luta o que eu aprendi é que a gente tem que conhecer os nossos direitos como mulher, porque quando você conhece os seus direitos, a gente faz uma luta mais justa, e quando você não conhece você vive oprimida não tem vez e nem voz. E

quando você conhece você também pode dar opinião, o conhecimento também faz você. (informação verbal)⁷.

Flor de Jambo faz relação aos conhecimentos que adquiriu durante a luta, somente o conhecimento que faz chegar ao objetivo esperado. Foram muitos anos até que as mulheres conseguiram de forma estratégica chegar ao ponto de ter voz na sociedade, mesmo assim, é necessário que mais mulheres se agarrem às lutas para sair do mundo privado, trabalho doméstico. “[...] As mulheres que tinham uma leitura diferente da realidade percebiam a necessidade de construir espaço de poder e tinha convicção de que para chegar ao poder, voz e vez não havia alternativas a não ser se organizar.” (PALUDO, 2005, p. 95).

O período do golpe militar nos anos 1964 a 1984 para as mulheres foi um período de muita luta e resistência, várias organizações femininas foram se desaparecendo devido às perseguições, crueldade por parte do sistema que durante o golpe impuseram contra as mulheres e muitas delas foram presas ou até perderam a vida. “A repressão atingiu as forças populares organizadas, sobretudo sindicatos e camponesas.” (TELES, 1993, p. 55). Mas, nem por isso, as mulheres deixam de existir, sabemos que foram anos de sofrimentos impostos pela ditadura, mas que também foi a partir desses sofrimentos que as mulheres e todas as organizações populares se reergueram e buscaram novas alternativas com o ascenso das massas para encontrar soluções de vida, pois o cenário político da época afetou também outros setores.

Com a luta para o fim da ditadura, os movimentos sociais populares vão tomando corpo. Seguimos relatando a luta das mulheres e o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

2.3 O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a Luta das Mulheres

Para falar da organização das mulheres no MST, e especificamente no Assentamento Padre Ezequiel, sentimos, a necessidade de escrever sobre a história de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O Movimento nasce em plena repressão durante a ditadura militar, política de um sistema que reprende qualquer movimento a lutar pelos seus direitos. Frente à necessidade das famílias foi uma luta que se originou de outros movimentos sociais. “O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra que aconteceu de 20 a 22 de janeiro de 1984 em Cascavel no estado Paraná” (CALDART, 2004, p. 101).

⁷ Informação ministrada por Flor de Jambo em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 10 de fevereiro de 2019.

Nesses entraves contra o modelo do capital o MST avança no processo das ocupações e do bem estar das famílias sem-terra, pois em primeira mão é preciso ter terra, trabalho, moradia e comida.

Desde a tomada das decisões das ocupações não era uma luta isolada, era uma luta organizada, onde mulheres e homens se façam presentes nos desafios de terem um pedaço de chão para morar. Conforme mostra a História da Luta pela Terra, o MST mobiliza os sem terra faz suas primeiras ocupações em setembro de 1979, “110 famílias sem terra entram na fazenda Macali onde em pouco tempo montaram acampamento.” (MORISSAWA, 2001, p. 124). E logo no mesmo mês a fazenda Brilhante, no Rio Grande do Sul.

O MST no momento tinha algumas lideranças formadas para que todos se tornassem parte da organização lutando pelo “direito de trabalhar”. Percebe-se que em todo momento de luta as mulheres têm suas contribuições de suma importância, pensando sempre no cuidado do coletivo. Feita as ocupações, os sem terra já esperavam a reação por parte da brigada militar e logo no dia seguinte “um pelotão da brigada militar acampou nas proximidades e foi engrossado por mais soldados [...] Como previsto as mulheres e as crianças fizeram uma barreira em torno das barracas para impedir a invasão do acampamento” (MORISSAWA, 2001, p. 125). Durante o processo de acampamento, percebe-se que as mulheres adquirem uma nova visão de mundo, diante dessa realidade, existe uma grande necessidade de fazer uma reflexão sobre essa nova aprendizagem e o que ainda pode ser potencializado na formação delas no âmbito de fortalecer a luta e a organização do assentamento.

A luta pela terra organizada pelo MST segue com mais força ocupando espaço em outros estados a fim de fortalecer a luta de classe e buscar saídas para melhorar as condições de vida do povo do campo. Flor de Jambo deixa suas impressões a respeito da conquista que sua família teve durante a luta no acampamento: “A luta foi difícil, mas valeu à pena [...] porque conseguimos a terra para trabalhar, para tirar o alimento, passamos a ter uma alimentação melhor e também as condições financeiras.” (informação verbal)⁸.

As ocupações de terras seguem mais fermentadas, engrossando as fileiras e mostrando que é possível fazer a luta com o próprio movimento de massas e estratégias a nível nacional, inclusive no estado de Rondônia. Seguimos tratando sobre a luta pela terra em Rondônia e a política de formação das mulheres.

2.3.1 A Luta pela Terra em Rondônia

⁸ Informação ministrada por Flor de Jambo em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 10 de fevereiro de 2019.

A luta por terras no Brasil sempre foi conflituosa, a dominação e a concentração de terras nas mãos de fazendeiros são frutos de um processo histórico. Com a terra mal distribuída é preciso lutar para que todo trabalhador(a) do campo tenha acesso a terra, moradia, trabalho e comida. O enfrentamento dos sem terras e os fazendeiros chega à região norte do Estado brasileiro nos anos 1989, “em Rondônia as coisas não se dão de maneira diferente” (MORISSAWA, 2001, p. 194), a primeira ocupação em 26 de junho de 1989 na fazenda Seringal em Espigão d’Oeste.

O Assentamento Padre Ezequiel aconteceu em 1996 na região centro do estado de Rondônia, com apoio da igreja católica. CPT (Comissão Pastoral da Terra) sindicatos rurais e outros movimentos da classe trabalhadora se organizaram para uma ocupação na fazenda Urupá com 6048 (seis mil e quarenta e oito) hectares localizados a 6 km da cidade de Mirante da Serra, onde formaram o Assentamento Padre Ezequiel com 200 famílias assentadas. Os trabalhadores(as) se organizaram em média de 300 famílias vindas de vários municípios vizinhos como Ouro Preto do Oeste, Urupá, Nova União, Tarilândia e outros. Oliveira fala sobre sua vida e explica a sua inserção nesta luta:

Eu morava no Paraná e com o processo de migração começou todo mundo mudar pra Rondônia, [...] moramos na linha 36 em Nova União e depois fomos para a linha 64 em Mirante da Serra [...] me casei, mas a situação não era muito boa, a gente queria um pedaço de terra pra gente, aí foi quando surgiram os acampamentos aqui na região, e aí viemos acampar eu, meu esposo e meus três filhos. (informação verbal)⁹.

As famílias ocuparam a fazenda no primeiro semestre do ano de 1997, ficaram na área por oito meses com apoio de sitiantes da região, entidades e a igreja católica. Organizavam-se de modo que todos cuidavam uns dos outros(as) para que não se dispersassem e sofressem um ataque com alguém da fazenda, cada um com sua tarefa desde a limpeza do acampamento até o modo das construções dos barracos, sempre um ajudando o outro. Beija-Flor conta sobre sua emoção ao chegar ao acampamento: “na nossa chegada foi muito bom, todo mundo acolheu, nos deu comida, ajudou fazer o barraco, era tanta gente que até perdia o rumo do meu barraco” (informação verbal)¹⁰. Essa dinâmica é um gesto de solidariedade entre as pessoas como forma de companheirismo porque a luta é por todos(as).

Em novembro do mesmo ano começaram a sofrer várias ameaças de despejos, as famílias sabiam que o momento não era propício para um enfrentamento, ainda não tinham resistência para esse embate direto com policiais ou até mesmo com pistoleiros contratados

⁹ Informação fornecida por Oliveira em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 13 de fevereiro de 2019.

¹⁰ Informação proferida por Beija-Flor em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 02 de março de 2019.

pela fazenda, tiveram então uma visita do superintendente do INCRA (Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária) e fizeram um acordo para sair da área, que assim seria melhor a negociação com o fazendeiro e logo todos teriam a posse da Terra. Saíram então da fazenda e acamparam no sítio de um camponês próximo a cidade de Mirante da Serra. Beija-Flor fala em relação aos despejos, “para não acontecer coisas piores nós saía antes dos despejos, não deixava até no dia, sempre nós saía antes. Sofremos três despejos” (informação verbal)¹¹. Esses acordos tinham que ser feitos, pois sabiam também da resistência que tinham os inimigos da luta.

A luta segue em frente com mais objetivo, pois não é somente pela terra que era preciso lutar, o MST incorpora nos sem terras toda uma identidade de classe, uma consciência de que no capitalismo o enfrentamento entre os trabalhadores(as) e os donos dos meios de produção é inevitável. Nesse contexto, percebe-se que para a emancipação feminina, é preciso ser derrubada as barreiras construídas pelo machismo que ao longo da história foi se constituindo pelo modelo da sociedade capitalista e patriarcal. Dentro desse contexto histórico político e social vêm também o enfrentamento da formação da consciência. Começa então o processo de formação com os núcleos de base, cada um se identifica pelo núcleo a que pertence e com os mesmos objetivos. A partir da organicidade do acampamento acontece a inserção das mulheres na luta e por formação política.

2.4 A Formação Política das Mulheres no Assentamento

“Na luta foi muito difícil [...], mas a gente conseguiu estudo na vida né, estudo em comunidade para aprender o convívio em viver em comum...” (informação verbal)¹². Esse estudo é uma ferramenta fundamental para a organização social das famílias. A partir da realidade o MST organiza a formação das mulheres, seja no modo de educação formal ou não formal, este trabalho tem contribuído para que as mulheres conquistem sua liberdade e autonomia.

A formação ocorre desde o momento que a mulher chega para se acampar em busca de uma parcela de terra, porque a forma de organicidade dos Núcleos de Base já tem o seu espaço garantido uma vez que as decisões são tomadas a partir de uma ampla discussão em que todos e todas podem expressar as suas opiniões. Assim, nesse convívio, as mulheres já

¹¹ Informação proferida por Beija-Flor em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 02 de março de 2019.

¹² Informação ministrada por Flor de Jambo em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 10 de fevereiro de 2019.

começam a perceber que a sua condição de não ter a posse da terra e a sua subordinação no seio familiar é uma questão social.

Outro aspecto positivo que o MST muito contribui com a formação política das mulheres é que na organização dos núcleos, sendo este um espaço de tomadas de decisão, a coordenação é composta sempre por uma mulher e um homem. “Também através dos núcleos acontecem às discussões e os estudos necessários para tomar as decisões sobre os próximos passos da luta.” (CALDART, 2004, p. 177). Essa forma de gestão dos núcleos, fez com que a mulher pudesse também participar das atividades e entender melhor as políticas de organização e assim ir aumentando o número de mulheres nas atividades de formação. “Eu entrei na direção, aí não saí mais” (informação verbal)¹³. Beija-flor ao entrar na direção, conseguiu evoluir seu pensamento sobre o que ela imaginava como seria um acampamento e que a partir do momento que assumiu atividade entendeu de que era possível dar continuidade no trabalho, como liderança. “Através dos núcleos é organizada as divisões das tarefas necessárias para garantir a vida diária do acampamento” (CALDART, 2004, p. 177). Quando algumas mulheres passam a assumir cargos na coordenação dos assentamentos e consequentemente ocupando cargos em todas as instâncias do MST, estas servem de espelho e inspiração, para que outras mulheres se descubram. Tanto na sua capacidade, bem como na necessidade que o Movimento Sem Terra tem da sua participação direta na luta e na organicidade dos trabalhadores(as). “Nos acampamentos e assentamentos, as mulheres Sem Terra começam a se organizar e debater sua participação política” (SCHWENDLER, 2015, p. 94). A partir do momento que as mulheres começam a se inserir nas atividades começam então ter outro olhar para a realidade e sentem que é preciso ir além do que lutar somente pela terra.

Como historicamente foi dada às mulheres a missão de cuidar, no acampamento não foi muito diferente, algumas mulheres receberam de antemão a tarefa de cuidar de um bem precioso das famílias acampadas, que era a saúde das pessoas.

Sim era um trabalho que com o apoio das irmãs ajudava melhor na organização, elas iam lá faziam palestras ensinava fazer alimentação alternativa, tinha a pastoral das mulheres né, sempre tinha reunião com as mulheres, aprendiam fazer remédios caseiro, era chás era xarope. (informação verbal)¹⁴.

O Movimento Sem Terra sempre soube valorizar a contribuição das mulheres de acordo com as suas habilidades, desde a prática de fazer um chá, uma comida, cuidar das

¹³ Informação ministrada por Beija-Flor em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 2 de março de 2019.

¹⁴ Informação fornecida por Flor de Lório em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 15 de fevereiro de 2019.

crianças nas cirandas infantis, mas também nas articulações para realizar as grandes jornadas de lutas para discutir as pautas de reivindicações médicas, atendimento escolar, desapropriação das áreas para assentar as famílias entre outras demandas. “Nós mulheres através da luta conseguimos enfrentar o sistema e dizer queremos isso ou aquilo, foram várias conquistas que a mulher teve até em relação às moradias.” (informação verbal)¹⁵.

Foi a partir dessa prática desenvolvida que a organização percebeu que somente os conhecimentos práticos eram insuficientes para tantas demandas em atender as necessidades das famílias acampadas. Surgiu então nesse contexto a necessidade de dar continuidade e ampliar a formação política das mulheres.

Foram realizados vários cursos e seminários de formação política específicos para as mulheres, “e quando a gente conhece nossos direitos, a gente também pode dar opiniões [...] aprendemos a ouvir e ser ouvido” (informação verbal)¹⁶. Vivemos em uma sociedade machista, somente por meio dos estudos as mulheres têm mais liberdades para debater os temas e se expressarem de acordo com as suas vontades e suas necessidades. Não demorou muito tempo para perceber que são muitos, os empecilhos para as mulheres participarem mais diretamente do processo de luta. Entre eles podemos citar: como conciliar família, casa e luta? O movimento foi organizando formas de superar essa dificuldade, como podemos ver na fala de Oliveira: “quando era para as mães irem para os encontros, aconteciam as cirandas infantis, tinham pessoas para cuidar das crianças” (informação verbal)¹⁷.

Para responder a estas demandas, foram realizados vários cursos sobre a igualdade de gênero e a necessidade da participação das mulheres nas instâncias do MST. “Nos acampamentos e assentamentos, as mulheres Sem Terra começam a se organizarem e debaterem sua participação política” (SCHWENDLER, 2015, p. 94). A partir do momento que as mulheres começam a se inserir nas atividades, começam então outro nível de pensamento até mesmo porque o modo em que é pensada a organicidade, as pessoas em si mesmo vão se descobrindo.

Outro problema crucial que apareceu foi a falta de escolarização das mulheres, várias mulheres sabiam ler e escrever, mas às vezes não tinham concluído nem o ensino fundamental, diante dessa situação, o MST desenvolveu alguns programas de alfabetização. “Por isso também, o MST começou, a partir de 1998, a sua trajetória com curso superior de

¹⁵ Informação fornecida por Primavera em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

¹⁶ Informação proferida por Flor de Jambo em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 10 de fevereiro de 2019.

¹⁷ Informação fornecida por Oliveira em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

pedagogia, desta vez já em parceria com as universidades” (CALDART, 2004, p. 267). Essa discussão em prol da formação foi se expandindo em várias instituições, entre elas, a Pedagogia da Terra, uma parceria feita com a Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Visando também outros cursos em outras áreas de conhecimento. “Olhando nossa realidade hoje, o que mais o MST cresceu foi nos espaços das universidades, agora se insere na Educação do Campo.” (informação verbal)¹⁸. A resposta dessas conquistas está no conhecimento de cada pessoa e olhando para os dias atuais sabemos que essa luta possibilita direitos por dias melhores. Primavera conta como foi seu avanço depois que veio para o acampamento.

Quando eu vim para o acampamento eu já era professora e o nível de minha escolaridade era só 8º ano, então assumi a sala de aula no acampamento, ficamos, cinco anos debaixo da lona, pra mim foi um processo de muita história e muitas lições, eu trabalhei sempre em sala de aula e tinha um envolvimento muito grande com os pais, um aprendizado de companheirismo. (informação verbal)¹⁹.

Estes projetos visam elevar o nível de escolaridade das famílias acampadas e assentadas para que assim todos e todas pudessem estudar os materiais de formação política do movimento, para entender melhor a conjuntura política em que estávamos atravessando.

Meu estudo só foi até a 4ª série, então aprendi tudo no meio do povo. Na época que eu era jovem seguir em frente nos estudos era meio complicado não existia meios pra gente ir porque era longe, era na cidade, mas os meninos homens iam né!? Às mulheres era proibido ir, não era de direito. Aí depois que casei complicou mais ainda. Mas consegui estudar outros cursos que me ajudou nessa formação que tenho hoje. (informação verbal)²⁰.

Muitas mulheres foram participando dos cursos de formação política realizados pelo MST, cursos realizados pela igreja católica. Todos os trabalhos de educação realizados ajudaram a elevar o grau de formação política e escolar das mulheres, mas os espaços de formação não se resumem apenas nos cursos realizados, mas sim, o dia a dia da luta também eleva o grau de formação das mulheres.

Porque a gente sempre participava das mobilizações, junto com o MST, e já tinha um pouco de conhecimento porque eu tava ali, qual era o objetivo. A questão pra ir, as mobilizações aconteciam também fora do acampamento com as vizinhanças, as pastorais, pastoral da mulher. Dom Antonio sempre dizia que pra gente ser ministro tinha que participar das lutas também. (informação verbal)²¹.

A partir do momento que foram traçando metas tanto de escolarização quanto de formação, o processo de aprendizagem mudou, para além do que imaginassem, pois enquanto

¹⁸ Seminário temático sobre a ética nos movimentos Sociais, realizado na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Rolim de Moura em 5 de junho de 2019.

¹⁹ Informação fornecida por Primavera em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

²⁰ Informação fornecida por Flor de Lírio em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 15 de fevereiro de 2019.

²¹ Id. 15 fev. 2019.

os dias foram passando percebemos a necessidade de avançar para buscar outros meios de formação para as famílias, sabemos que para garantir a escola no assentamento era preciso ter pessoas habilitadas em educação escolar. E por isso as parcerias com as universidades são importantes para a escolarização dos (as) profissionais na educação. Até mesmo para garantir a escola no local do acampamento e assentamento.

Veja que para nós essa luta em prol da escola foi muito importante, e foi uma conquista grande do acampamento, eles, a secretaria municipal, não queria aceitar nós do acampamento como professor, que era cinco pessoas, então eles, a secretaria, queria mandar pra cá gente deles. Então eles teve que contratar mais pessoas nossa pra trabalhar aqui no assentamento (informação verbal)²².

Desde os primeiros dias de ocupações “pais e professores formaram comissões para reivindicar e organizar escolas nos acampamentos e assentamentos” (MORISSAWA, 2001, p. 206).

E foi depois que vim para o acampamento que eu voltei a estudar, pois a própria sala de aula exigia estudo e formação, e foi nesse desafio que desenvolvi outros projetos na comunidade, juntamente com outros profissionais despertando e incentivando as famílias ao cultivo de plantas medicinais orgânicas. (informação verbal)²³.

Entre esses e outros desafios a luta segue sempre com firmeza em defesa da vida e formação dos sem terra, diante dos desafios, são várias as questões enfrentadas para quais as mulheres buscam mais capacitação no seu cotidiano. A luta ensina de que nós mesmos somos capazes de fazer a diferença, basta buscar os objetivos mais propícios para que nós mulheres possamos sair de um mundo privado e conhecer outros horizontes. A luta para a formação da consciência, ela não acontece sozinha, é no meio de um povo organizado que buscamos sair dos problemas que afligem nossas vidas. “Os debates ficavam cada vez acalorados à medida que mulheres se organizavam” (PALUDO, 2005, p. 98). Por isso os debates foram se acirrando e muitas mulheres tiveram e tem oportunidade de estudar e enxergar outras realidades, conviver com outros setores, uma formação que se iniciou através da luta pela terra e foi se expandindo por meio da formação.

Eu era uma mulher sem decisão na vida, eu não consegui estudar [...] minha filha fez o primeiro ano de estudo dela dentro do acampamento, mas eu agradeço muito, pois minha filha através do desenvolvimento dela nos cursos, ela teve a oportunidade de estudar e sair formada em medicina através do MST. Isso fica na história. (informação verbal)²⁴.

Essa prática que leva o ser humano buscar uma identidade na qual convive com sua realidade, faz crescer o pensamento e busca por uma construção maior, muito mais exigente

²² Informação fornecida por Primavera em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

²³ Id. 22 maio 2019.

²⁴ Informação fornecida por Borboleta em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

porque a cada passo que avançamos buscamos por um projeto capaz de assegurar a organização na qual pertencemos. A luta das mulheres tem conquistado espaço educativo de conhecimentos que constrói saberes diversificados, essa pedagogia em compartilhar as ideias eleva a consciência dentro da organicidade construída pelos próprios sujeitos. É saber que não se constrói sem a valorização permanente em torno dos objetivos esperados. No espaço de luta as mulheres compreendem que a sua existência é importante e renova seu modo de pensar e busca valores e reconhecimento da sociedade, por isso seguimos escrevendo sobre a formação política das mulheres como protagonismo.

2.4.1 O Protagonismo das Mulheres na Luta

O engajamento das mulheres na luta traz retorno eficaz na vida social e familiar, a conquista da terra norteou as mulheres a participarem massivamente, visando melhoria de vida e morada fixa na terra. Olhando de forma geral para a história de vida de todas as famílias do assentamento, percebe-se que mudou muito, tanto a vida econômica quanto a vida social uma com as outras. O processo histórico da luta tem contribuído também para que as mulheres encontrem formas de libertarem-se dos afazeres domésticos. “Quando eles avisavam que tal dia tem reunião com as mulheres, eu gostava de participar, quando eu não conhecia o movimento eu participava todo domingo na igreja, mas eu era uma pessoa que nada evoluía na memória.” (informação verbal)²⁵

A participação na luta direta por um pedaço de terra para morar era o que todas as famílias pensavam quando se desafiava a enfrentar um barraco de lona. A maneira como é dividida a terra e como são controlados os meios de produção por um projeto imposto para a agricultura, deixam as famílias sempre desabrigadas, pois quem tinha terra não aceitava mais o meeiro em seu lote, quase sempre quando a lavoura estava se aproximando às colheitas vinha o dono da terra e mandava que se retirasse de sua terra e fosse embora.

Quando chegamos na terra de um senhor ele prometeu um terreno pra nós trabalhar que dividia metade pra nós e metade pra ele, quando já se fazia 2 anos ele não aceitou mais que nós ficasse lá e aí perdemos tudo o que tinha trabalhado na terra desde café, arroz, milho, tudo nós deixemos, e ainda pegamos uma danada de uma malária (informação verbal)²⁶.

Essa é uma das realidades enfrentadas pelas famílias antes de conhecer a luta a favor da reforma agrária, os movimentos sociais assim como o MST organizado pelos próprios

²⁵ Informação fornecida por Borboleta em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

²⁶ Informação pronunciada por Beija-Flor em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 2 de março de 2019.

povos criaram muitas possibilidades pensando na melhoria de vida dos povos do campo. É grande o desafio em estar na luta pela libertação.

Dessa forma, em seu fazer, elas foram se construindo como protagonista da história por intermédio da participação nos movimentos sociais, a fim, também de intervir na construção da sociedade de modo que suas particularidades fossem compreendidas e respeitadas. (SILVA, 2016, p. 46).

O protagonismo é conquistado no dia a dia, as mulheres vão percebendo a diferença entre as relações sociais no processo de luta, isso vai quebrando o medo e a timidez de estar frente a algo que necessita resolver. O direito negado às mulheres do campo que mais tem prejudicado é a falta da terra.

Olha quando falou assim, essa aqui é a terra de vocês [...] eu me senti nas nuvens sabe [...] eu falo que é uma terra que corre leite e mel [...] quando a gente pega uma enxada que cavaca a terra é uma terra vermelha, rocha sabe? Até o cheiro da terra é muito cheirosa, eu me senti assim [...] não tem explicação. (informação verbal)²⁷

Esse direito à terra é quem dá sustentabilidade na situação dos povos do campo e as mulheres, principalmente, encontraram caminhos que juntas com outras mulheres resolveram partes dos seus problemas. Durante as entrevistas foi notório que ainda há mulheres que não se inseriram em cursos formativos, entendemos que ainda há problemas a serem resolvidos. Muitos desafios a serem enfrentados, seja nas relações de gênero, perceber o porquê das dificuldades das mulheres, ou seja, nos desafios em promover estudos básicos em nossos assentamentos.

As experiências das mulheres junto à luta pela terra trazem avanços na vida da comunidade, hoje as mulheres que tiveram desde o começo a vida do acampamento, vivem as experiências do assentamento, os conhecimentos adquiridos vão acumulando experiências e saberes que ajudam para o próprio bem das famílias. Flor de Jambo mesmo sem ter conseguido estudar hoje ela entende que os filhos precisam ocupar os lugares na escola.

Eu só consegui estudar até a quarta série [...] a gente nunca pode pagar uma faculdade para os filhos da gente né [...] então eu oriento meus filhos que sempre que tiver oportunidade, é para estudar mesmo. Então são direitos, minha filha conseguiu uma bolsa pelo PRONERA (Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária) e estuda na EFA (Escola Família Agrícola) então é um estudo que ensina trabalhar na terra. (informação verbal)²⁸.

Para Flor de Jambo estar na escola é uma questão de necessidade e conhecimento de vida e realidade, um desejo de escola que caracteriza também a luta na terra. “Nos lotes de Terra, os assentados têm moradias e oportunidades de trabalho, viabilizando a melhoria nas condições de alimentação, residência, acesso à educação e a serviço público” (LOPES;

²⁷ Informação fornecida por Borboleta em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

²⁸ Informação proferida por Flor de Jambo em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 10 de fevereiro de 2019.

BUTTO, 2010, p. 220). Não dependemos da terra somente para a sobrevivência, a formação em outros aspectos contribui muito mais na vida das mulheres assentadas:

E pensando em outras companheiras que não tinham tanta informação que a gente junto foi conseguindo estudo dentro das lutas e com isso foi conseguindo muitas coisas em comunidades, hoje tem mulheres que ganham seu dinheiro com artesanatos que aprendemos em grupos [...] outras mulheres fez cursos de mini indústria pra fazer doce, outras sabem fazer pinturas, aí é um jeito de uma vida diferente, [...] quando você aprende a fazer um artesanato, um doce, uma comida, você aprende até se alimentar melhor, [...] igual o cacau nosso, colhia e vendia, nós nem sabia dos benefícios que o cacau tinha para saúde (informação verbal)²⁹.

São muitas experiências que ao longo de todo processo de uma luta conseguimos vencer, porque não tinha nada pronto, tudo foi criado pela força da unidade. Sabemos que em muitas iniciativas também deixam marcas, na luta pela conquista da terra, a vida das mulheres foi marcada às vezes pelo medo. Esse medo já vinha de um passado marcado por muitas dificuldades que fizeram parte de suas vidas, por não terem o seu pedaço de terra para trabalhar e tirar assim os sustentos da família, e quando chegam no acampamento, o medo agora era estimulado pelas perseguições por parte das milícias e da insegurança dos seus futuros.

Somos quatro irmãos comigo, somos de família pobre, não tinha terra, nós morava de ameia com as pessoas, quando nós conseguia alguma coisa com aquelas pessoas nós tinha que sair de lá e não era fácil [...] a gente vai embora, a gente perde tudo para começar tudinho de novo, então minha mãe, meu pai e nós sofreu muito com aquilo [...] Eu tinha muito medo, mas quando nós chegamos no acampamento não dava de ter medo [...] nós vivia no Assentamento Margarida Alves, eles deram um lugar para o povo ficar, aí depois quando nós veio pra mata, aí era perigoso, porque nós morava dentro da mata, eles cercaram o acampamento todo de espeto pra não poder entrar nem pistoleiro nem nada [...] Era muito perigoso porque era dentro da mata e tinha muitos insetos peçonhentos, então era muito perigoso lá (informação verbal)³⁰.

O modo de pensar e a insegurança causam medo, pois no processo de ocupação não sabemos o que o inimigo está preparando para nos atacar, mas se não ter uma organização do espaço, se não ter uma coletividade uma estratégia de luta, o povo não resiste, porque a organicidade traz segurança e solidariedade. “A gente tinha muita preocupação com as crianças, a gente tomava banho no rio, então não deixava as crianças sozinhas, ia sempre alguém acompanhando pra não deixar ir sozinhas pra não correr o risco de alguma coisa” (informação verbal)³¹. Acreditando em um futuro melhor a luta parece ser desumana, por enfrentar as dificuldades, morar debaixo de um pedaço de lona preta, estar sempre cuidando de um perigo que pudessem acontecer. Mas, Rosa Dalha fala com muita firmeza o que ela

²⁹ Informação proferida por Flor de Jambo em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 10 de fevereiro de 2019.

³⁰ Informação proferida por Rosa Dalha em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 13 de fevereiro de 2019.

³¹ Informação fornecida por Borboleta em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

sente hoje em ter o seu pedaço de chão: “Para mim hoje é a minha vida tá lá embaixo no meu lote trabalhando na lavoura de cacau, é muito gostoso isso mexer com cacau [...]. Aprendi fazer as mudas, a podar o cacau, selecionar os brotos para clonar o cacau, teve um curso aqui eu aprendi fazer (informação verbal)³².

O que Rosa Dalha relata é importante por ter conseguido, depois de muita luta, trabalho moradia e comida. Importante é a convivência das famílias, laços familiares que dura toda a vida e com muitas histórias. Porque a busca por esses dias melhores, propiciaram afeto experiências e uma identidade por fazer parte de uma organização.

Essas novas relações além de lutas, fazem práticas concretas, ou seja, a participação das mulheres nos movimentos, além de promover uma articulação política, realiza ações, [...] recuperação, produção e melhoramento das sementes[...]produzem grande parte dos alimentos consumidos na propriedade que ajudam no auto sustento e na renda familiar (PERON; DAMBROS; FONSECA, 2017, p. 117).

A participação de algumas mulheres nas assembleias, nos cursos de formação, nas mobilizações, foi fundamental para despertar em tantas outras a necessidade e o gosto de participar da luta e nas tomadas de decisão das questões do acampamento. Ao tornarem-se assentadas, essa formação contribuiu para que a administração da propriedade trouxesse resultado mais eficaz. “Eu gostava de ir pra assembleia, nas mobilizações [...] depois que eu casei nós vai nas mobilizações, eu e meu marido” (informação verbal)³³. Para quem participa vai aprendendo e percebendo no outro a vontade de lutar sempre. “A luta vai transformando a vida e o jeito da gente ver as coisas já não estão mais sozinhos e isolados” (MST, 2001, p. 159). É muito gratificante conhecer de perto uma luta que traz tantas mudanças na vida das famílias:

Eu aprendi tomar decisão, mas a gente conversa [...] sobre o que vai fazer ou que não vai [...] Eu aprendi que essa não era a nossa realidade [...] a gente era assim: se o marido fosse fazer um negócio, ele que sabe, o negócio era dele [...] eu era uma mulher sem decisão na vida, eu me sinto mais liberta [...] hoje eu me sinto capaz, voltando a realidade que eu vivia antigamente que o mundo girava em torno de mim eu não me envolvia com nada[...] eu não pensava em fazer uma viagem, a fazer um passeio, hoje eu sou capaz de tudo isso que falei (informação verbal)³⁴ Borboleta, entrevista realizada em 22/05/2019/).

Garantia dentro da luta do saber fazer, que vai mostrando para as mulheres que a vida tem outros rumos que, são possíveis mudanças que nos permitam criar nossos projetos de vida, sair do medo, buscar nossos próprios valores como mulheres capazes pela nossa transformação.

Mas a gente aqui convive nos reúne aqui pais e filhos ouvir músicas juntos, comer

³² Informação proferida por Rosa Dalha em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 13 de fevereiro de 2019.

³³ Id. 13, 2019.

³⁴ Informação fornecida por Borboleta em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 22 de maio de 2019.

juntos, e é a comunidade inteira, então eu acho uma relação muito bonita, a gente consegue reunir as famílias né, conversar, brincar, dançar. Eu acho que tem sim as dificuldades, mas a gente consegue viver juntos. (informação verbal)³⁵.

Os espaços de convivência também contribuem nas relações sociais das famílias, constroem laços afetivos de valorização uns com os outros. Considero um trabalho e um aprendizado além de nossa imaginação, seja no trabalho coletivo no acampamento, e no assentamento, ou individual, as mulheres aprendem e lutam muito pela sua libertação, mesmo pensando no futuro dos filhos(as), tem agarrado a luta com muito esforço por acreditar que nós camponesas somos fortes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho de pesquisa, concluo que o nível de consciência das mulheres assentadas, a partir do momento em que elas começaram a participar do processo de luta pela terra, foi bastante elevado. Considerando os mais variados aspectos tanto administrativos no gerenciamento da propriedade, bem como nos aspectos políticos ao se referir à luta de classe. Ao me referir aos avanços relacionados ao nível de conhecimentos para gerenciar a propriedade, destaco suas influências nas tomadas de decisões nas linhas de produção para ajudar a definir o que plantar na propriedade.

Outro aspecto positivo, é que algumas mulheres adquiriram conhecimentos suficientes para distinguir os valores nutritivos dos alimentos, ter os domínios para discernir os quesitos básicos para ter uma alimentação saudável, além de conhecer os valores medicinais das ervas e assim se conseguir uma saúde bastante equilibrada sem que necessariamente tenha que recorrer ao SUS e aos remédios químicos das indústrias farmacêuticas.

O processo de formação referente à qualidade da alimentação saudável sem agrotóxicos e dos medicamentos homeopáticos são frutos de uma parceria entre o setor de formação do MST com a Pastoral da Saúde da Igreja Católica, pois vários cursos e oficinas foram realizados com o objetivo de ir incentivando as famílias a valorizar o que temos na terra para não cair nas dependências do mercado. Partindo desse processo de formação das mulheres, muitos casos de saúde foram solucionados desde o momento da chegada das famílias no acampamento até os dias atuais, considerando que não é sempre que as famílias assentadas conseguem ter atendimento médico realizado pelo SUS. Hoje muitas mulheres assentadas têm a consciência de que a base de uma boa saúde está relacionada à qualidade da

³⁵ Informação proferida por Flor de Jambo em entrevista realizada no Assentamento Padre Ezequiel em 10 de fevereiro de 2019.

alimentação e que estes são os princípios primários para a prevenção de qualquer tipo de doença.

Vale destacar o esforço que o setor de educação do MST teve junto com outros movimentos sociais em criar projetos para a inserção dos povos do campo nas universidades. Essa formação/educação que as demais mulheres do Assentamento Padre Ezequiel conseguiram estar inseridas nos cursos formativos também está sendo um marco histórico para nós povos do campo, contribui muito com a nossa relação com a Terra, garantindo moradias, estudo e trabalho. O que relato sobre o protagonismo das mulheres na luta, é o que mais contribuiu para que elas se sintam parte da luta e o que mais tem contribuído em suas vidas durante todo esse processo. Sabendo que com todo enfrentamento durante a luta no assentamento teve como resultado positivo, o acesso à terra na qual trouxe uma transformação social na vida das mulheres.

Relacionando ao enfrentamento do patriarcado no assentamento, ainda temos o que trabalhar sobre as relações de gênero, é notório que ainda existem mulheres com dificuldades, por serem mulheres, nas tomadas de decisões. Percebo que quando se refere à educação dos filhos(as) são as mulheres que mais correspondem por esse compromisso. E que entre outras tomadas de decisões ou negócios pedem opinião para o marido. Por que a mãe sempre tem que estar à frente pela educação dos filhos?

Outro aspecto que o patriarcado deixa marca nas mulheres é o medo de falar em público, percebo que a dificuldade da fala é sempre presente nos momentos de expor o que sabem. São esses e outros detalhes que precisamos melhorar no convívio familiar. Dessa forma, continua se reproduzindo o patriarcado nas famílias. As mulheres precisam dar um salto de qualidade em alguns aspectos, é necessário que continuamos nossos encontros formativos, melhorando nossas vidas e encontrando melhores formas de convivências nas relações de gênero.

EDUCACIÓN Y PROTAGONISMO DE LAS MUJERES EN LA LUCHA POR LA TIERRA EN EL ASENTAMIENTO PADRE EZEQUIEL

RESUMEN

El presente trabajo reflexiona acerca de las “Experiencias vividas en el proceso educativo de las mujeres en la lucha por la tierra en el asentamiento Padre Ezequiel”. Tiene como problema de la investigación “¿De qué forma las trayectorias de lucha por la tierra son expresadas en los procesos de formación del asentamiento Padre Ezequiel?” El objetivo

general es el de analizar el protagonismo de las mujeres para la constitución del asentamiento Padre Ezequiel. Los objetivos específicos son: identificar cuáles fueron los procesos de formación realizados en la historia de la organización del Asentamiento Padre Ezequiel; describir los factores sociales que contribuyeron en la lucha de las mujeres; comprender los límites en el proceso de luchas durante todo el camino recorrido por las mujeres. La metodología utilizada es la investigación participativa, a través de las técnicas de observación participante en las reuniones de mujeres del movimiento, entrevistas semiestructuradas con diálogos en la búsqueda de informaciones y objetivos sobre el tema. Fueron realizadas entrevistas con ocho (8) mujeres a través de visitas en sus casas, con un diálogo que busca la información y los objetivos en el tema. Apunta como resultado un trabajo positivo, es posible analizar que a través de las luchas sus vidas mejoraron no solo en relación al conocimiento sino en la economía. Es perceptible que se trata de una comunidad pedagógica que enseña las prácticas educativas para la vida. Las mujeres logran, a través de la lucha, transformar su convivencia privada de su vida doméstica en otras actividades que las hacen más potentes en los conocimientos sociales. Consideraciones es que hay cosas para mejorar, ganando el miedo y avanzar con en las relaciones de género por igualdad.

Palabras-clave: Educación. Luchas. Mujeres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Janaikys; CALAÇA, Michela; CAJU, Oona (orgs.). **As políticas públicas no território e a cidadania das mulheres camponesas**. Mossoró: CGP Solutions, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Romeu Danilo. **Pesquisa participante: o saber da partilha**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli Salete; VILAS BOAS, Rafael Litvin. **Pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONZÁLES, Ana Isabel Álvares. **As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ASSMANN Jose Selvino. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, Olimpe de Gouges (1791). **Revista Internacional Interdisciplinar**, Florianópolis, v. 4, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Dialnet-DeclaracaoDosDireitosDaMulherEDaCidada-5175681%20(3).pdf. Acesso em: 8 jul. 2019.

HOOKS, Bell. Tradução de CIPOLIA Marcelo Brandão. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Ed. WMF; Martins Fonte, 2013.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e moral sexual.** São Paulo: Expressão Popular, 2000.

LOPES, Adriana L, BUTTO Z, Andrea. **Mulheres na reforma agrária: a experiência recente no Brasil.** Brasília: MDA, 2010.

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres.** São Paulo: Escala, 2006.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST.** São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Construindo o Caminho.** São Paulo: Secretaria nacional do MST, 2001.

MURARO, Marie Rose. **A mulher no terceiro milênio.** 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

PALUDO, Conceição (org.). **Mulheres resistência e luta em defesa da vida.** São Leopoldo: CEBI, 2009.

PALUDO, Conceição. Educação popular e movimentos sociais. RS: 2005 In.: **Seminário Internacional de Educação, 8º, 2005,** Rio Grande do Sul. Realizado pela FEEVALE, no período de 3 a 6 de agosto de 2005. Disponível em: <https://rest.formacontrolesocial.org.br/materials/conceicao-paludo.pdf>_ Acesso em: 8 maio 2019.

PERON, Lucélia. DAMBROS, Marlei. FONSECA, Elias, G, L da. A Contribuição da Universidade para o Fortalecimento das Mulheres Agricultoras. In.: BONI, Valdete; PERON, Lucélia; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela Roesler; BASTIANI, Tania Mara de (org.). **Mulheres camponesas e agroecologia.** Curitiba: Ed. CRV, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. **O processo pedagógico da luta de gênero na luta pela terra: o desafio de transformar práticas e relações sociais.** Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SILVA, Ivanilso Batista. **O Protagonismo das mulheres camponesas na luta pela terra.** João Pessoa: UFPB, 2016, 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999.